

## O DISCURSO DE AMOR EM *O BANQUETE*

THE SPEECH OF THE LOVE IN *THE BANQUET*

João Paulo Braga Floriano\*

### RESUMO:

O presente texto tem o objetivo de explorar, sob a ótica da escola francesa de análise de linguagem denominada Análise de Discurso, a ocorrência, no texto *O banquete*, do filósofo grego Platão, de sentidos diversos para o amor. Para a empreitada ora desenvolvida, parte-se do pressuposto de que o amor é um significante que, na obra em epígrafe, reveste-se de diversos significados. Esse fato aponta para uma compreensão bastante cara à Análise de Discurso: os sentidos das palavras não são naturais, antes eles são engendrados em conjunturas históricas que se combinam com o funcionamento estrutural da linguagem.

**Palavras-chave:** Amor, Sentidos, Linguagem.

### ABSTRACT :

This paper aims to explore, from the perspective of the french school called Discourse Analysis language analysis, the occurrence in the text *The Banquet*, the greek philosopher Platão, from several directions for love. For the contract now developed, it starts from the assumption that love is significant that, in the work referred to above, is of different meanings. This fact points to a very expensive understanding to Discourse Analysis: the meanings of words are not natural before they are engendered in historical situations that combine with the structural functioning of language.

**Keywords:** Love, Meanings, Language.

### Considerações iniciais

O filósofo grego Platão (2011), em seu livro *O banquete*, através dos personagens postos nesta obra, propõe-se a explorar a temática do amor. Reunidos na casa de Agatão para celebrarem a vitória deste personagem em uma espécie de concurso literário, os convidados para o banquete festivo decidem fazer do deus Eros o objeto dos discursos daquela noite. A proposta partiu de um participante chamado Erixímaco e foi aceita por todos os demais. Após concluírem que não iriam se embriagar naquela ocasião, como era o costume, Erixímaco propõe então que a distração para aquela celebração se desse por discursos e que estes se ocupassem de Eros. Fedro foi o primeiro conviva a discorrer. Evocando os escritos do poeta Hesíodo, ele lembrou uma versão para a origem do deus Eros. Segundo essa versão, Eros

---

\*Mestrando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVAS.

seria a divindade mais poderosa e a mais admirada pelos gregos. A razão para a sobrepujança desse deus em relação ao panteão divino grego devia-se, segundo ele, principalmente pela sua origem. Eros nascera da Terra que, por sua vez, nascera do Caos. Então, Eros era o deus mais antigo, o deus que antecederia todos os outros deuses. Nessa autora do seu discurso, Fedro destaca que era unânime a opinião de que Eros era o mais velho dos deuses. Dando continuidade a seu discurso, Fedro afirma que Eros, além de ser o mais antigo dos deuses e o mais respeitado e respeitável, era também o que possuía as maiores e melhores condições para conduzir os homens à posse da virtude e da felicidade, tanto em vida como na morte.

Os discursos vão se sucedendo. Um após outro, os convidados do banquete expõe suas ideias acerca de Eros ou do amor e, assim, vão associando-o a diversas práticas virtuosas, como a coragem, a amizade, a abnegação e muitas outras. Os convidados destacam os diversos sentidos do amor e como ele se faz presente tanto nas práticas afetivas entre os amantes, por exemplo, como no exercício de uma profissão ou na prática da filosofia, no governo dos Estados e dos povos e em muitas outras. Chega porém a vez de Sócrates, que é o personagem ao qual Platão confere maior destaque. Considerado pelos demais convidados o mais importante dos oradores presentes, Sócrates afirma que o amor está intimamente relacionado ao desejo, o amor, para ele, consiste na inclinação decorrente de um desejo. Sendo assim, o amor implica que algo, quando se ama, é desejado. Portanto, o amor sempre possui um objeto para o qual se volta. Todavia, como destaca esse personagem, este objeto do amor só pode ser desejado quando existe uma falta e não se quando possui. O amor é falta, pois ninguém deseja aquilo de que não precisa mais ou que já tenha. Sócrates, em seu discurso, afirma que o que se ama é somente aquilo que não se tem. E se alguém ama a si mesmo, ama o que não é. O objeto do amor sempre está ausente, mas sempre é solicitado. Sócrates, como exemplo, refere-se à verdade. Para ele, o desejo pela verdade, que é a busca da filosofia, indica que ela se mostra como uma falta e que, portanto, deve ser sempre buscada. Mas, por sua natureza evasiva, a verdade é algo que está sempre mais além, sempre que pensamos tê-la atingido, ela se nos escapa entre os dedos (Platão, 2011).

De acordo com Pinheiro (2011), o Banquete, de todos os escritos de Platão e de toda tradição filosófica, é a obra mais conhecida e influente. Apesar de ser relativamente acessível aos leitores de modo geral, inclusive os que não têm familiaridade com a filosofia ou com os escritos platônicos, *O banquete* é uma obra marcadamente complexa. A temática abordada na obra, a riqueza literária que a caracteriza, a densidade filosófica e a presença do filósofo

arquetípico Sócrates, conferem a ela sua importância e o prestígio da qual usufrui. Isso fez e faz com que essa obra seja objeto de amplas interpretações filosóficas, literárias, teológicas, artísticas e científicas.

Dentre toda a complexidade da obra *O banquete*, pode-se destacar que ela constitui uma espécie de concerto no qual diversas vozes, expressas por meio dos discursos que são feitos na ocasião, se alternam para exprimir suas concepções acerca do amor. Então o que se vê nessa trama literária é a aparição de diversos discursos que têm o amor como objeto. Nos discursos de Agatão, Erixímaco, Pausânias, Sócrates e outros entendimentos diferentes sobre esse significante vão surgindo, às vezes em contraposição ao que fora dito. No entanto, como assinala Reale (2004), a intenção subjacente aos diversos discursos que ele apresenta sobre o amor ou Eros é conferir-lhe, dentro de seu arcabouço filosófico, uma dimensão cósmica. Isso significa que, para Platão, o amor é aquilo que tem o condão de ligar todas as coisas consigo mesmas. O amor seria o amálgama do ser, o laço que dá coerência e sustentação ao ser.

A concepção platônica sobre o amor tem efeitos antropológicos. O significado que ele atribui a esse significante faz com que ele se estenda a toda a atividade do homem. Nesse sentido, tudo o que o homem faz tem como motor o amor. Para Platão, o homem é constituído estrutural e essencialmente pela tendência ao Bem. Desse modo, toda ação humana tem a finalidade última de alcançar o Bem. O amor, em sua acepção mais elevada, em Platão, consiste na tendência estrutural e fundamental humana em chegar ao Bem. Portanto, Eros é a via pela qual se chega ao Bem (Reale, 2004).

Como destacado acima, a obra *O banquete* é dotada de grande complexidade, sobretudo por inserir-se no âmago da filosofia platônica, uma vez que ela é considerada seu texto de maturidade. Nela estão presentes, dentre outras, suas principais ideias a respeito da ética e da metafísica. Todavia, em que pese a densidade da teoria filosófica platônica presente na obra *O banquete*, para os fins deste texto, por ora, quer-se chamar a atenção para os discursos que são feitos a respeito do deus Eros, que, para os gregos, representa o amor ou é a personificação do amor. Na obra, como Platão destaca através das falas de seus personagens, é feita a apresentação das concepções sobre o amor. Cada participante expõe aquilo que pensa sobre o amor, suas características e suas implicações na vida e para a vida das pessoas. Tudo isso, no contexto da obra, para apresentar as principais concepções filosóficas de Platão (Reale, 2004).

Segundo Lima Vaz (2011), toda a tradição filosófica ocidental tem por base, seja em termos de acolhimento ou de contestação, o pensamento de Platão. Este filósofo, que viveu na Grécia no século V antes da Era Cristã, exerceu tamanha influência sobre o que se pensou após ele que se pode supor que sua filosofia é a porta de entrada para todos os demais movimentos filosóficos que o sucederam. A sucinta apresentação do tratamento dado ao amor no texto *O banquete* tem por objetivo apontar para o discurso que nele é feito sobre o amor. Platão, de seu terreno cultural e filosófico destaca o amor como o caminho para o Bem. Sendo a manifestação de uma tendência natural do homem para o Bem, o amor, na concepção platônica, reveste-se de diversos sentidos: éticos, antropológicos, metafísicos e epistemológicos. Portanto, o amor em Platão só pode ser compreendido se levada em consideração suas concepções filosóficas e o terreno histórico no qual elas surgiram, se desenvolveram e se sustentaram.

Como destacam Lima Vaz (2011) e Reale (2004), o amor em Platão está relacionado a uma tendência natural em se atingir uma perfeição ética pela busca e encontro do Bem. O amor e ética em Platão são inseparáveis. É o amor que conduz o homem a modos de vida e de consciência mais evoluídos. Este é um dos sentidos para o amor nesse filósofo, que, como já exposto acima, muito influenciou e influencia o modo ocidental de pensar. Todavia, pode-se perguntar: o sentido do amor como caminho para o Bem é o sentido que esse significante possui nos dias atuais? Há outros discursos possíveis sobre o amor ou o seu sentido é unívoco e evidente?

### **Amor e discurso: inexatos**

Orlandi (1990), em seu texto *Palavra de amor* faz diferenciação entre o falar de amor e falar sobre o amor. Da perspectiva teórica da Análise de Discurso, essa autora sugere que falar de amor é tentar dizer o fenômeno. Falar de amor é mostrar o que se passa na subjetividade, é dizer daquilo ou sobre aquilo que afeta o sujeito. Portanto, falar de amor cabe ao sujeito que ama. Ao sujeito interpelado pelos sentidos contidos na palavra amor cabe falar de amor. Falar de amor é falar de acontecimentos próprios de uma forma específica de subjetivação. Por outro lado, falar sobre o discurso de amor é falar sobre um processo de significação. O amor, na forma como a autora o trabalha em seu texto (1990), mostra-se como um discurso em funcionamento. Procurar compreender esse discurso que funciona, que

produz sentidos consiste noutra tarefa. O amor, portanto, como discurso, funciona na circulação de sentidos e, por isso, produz e se associa a significados diversos.

Entender o amor como um discurso, na perspectiva da Análise de Discurso, significa entender que, como discurso, seus sentidos podem ser muitos, variam ao longo da história. O discurso é sempre fundado em uma determinada historicidade, não há um significante que se prenda única e exclusivamente a um significado. Como campo teórico, a Análise de Discurso (doravante AD) surge na França, na década de 1960. Assim como em muitos outros lugares, o estruturalismo filosófico estava disseminado na França nessa época como corrente teórica e política predominante. Descontentes com algumas formulações dessa corrente filosófica, começam a surgir contracorrentes, uma delas foi capitaneada pelo filósofo francês Michel Pêcheux. Partindo de uma concepção materialista da linguagem, Pêcheux propõe que a questão do sentido não pode ser considerada unicamente no âmbito interindividual. Essa proposta tem por base a crítica e negação que ele faz à ideia da redução do campo das relações sociais às interações que os membros da sociedade estabelecem entre si. Ou seja, Pêcheux rejeita a noção de que a sociedade pode ser explicada apenas pelas relações que os indivíduos estabelecem entre si. Surge daí uma compreensão que irá englobar a política, a linguística e a psicanálise. A AD é a disciplina que se situa entre esses referenciais teóricos, mostrando suas contradições e seus pontos relevantes para a compreensão do mundo. Por isso, por ficar entre elas, na posição de interlocução, a AD é denominada uma ciência de entremeio (Orlandi, 2012).

Uma questão fundamental trabalhada na perspectiva da AD refere-se ao sentido. Pêcheux (1990, p. 29) afirma que

[...] supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...), “há real”, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser “assim” (o real é o impossível... que seja de outro modo).

Nesta afirmação, Pêcheux está tratando da forma como ele concebe o real e como o homem tem acesso a ele e, por conseguinte, como os sentidos são constituídos. Para o filósofo francês, os sentidos não são a-históricos, não são universais. Eles estão na história e nela são plasmados. Sua afirmação remete à noção de que há “coisas” que estão fora do discurso, que ainda não foram por ele açambarcadas. É somente pela interpretação que o homem chega ao real. Portanto, interpretar é uma injunção inerente à linguagem. Em seu *modus operandi*, a

linguagem não pode ser se não uma ação interpretativa. Se a injunção à interpretação é um constitutivo da linguagem e, portanto, um constitutivo humano, não há nada que tenha sido dito que não seja resultado de uma interpretação. O que vale dizer que a interpretação é a única forma pela qual o mundo vem ao homem. A interpretação, por sua vez, se dá pelo domínio das condições de produção da existência, daquilo que já foi dito (interdiscurso) e do imaginário. Esses são os elementos estruturais da linguagem e da forma como o homem se relaciona com o real.

Ao tratar da questão do real, Pêcheux (1990) talvez esteja se colocando no cerne de uma das questões mais espinhosas da Filosofia: a luta entre o idealismo, que afirma ser a realidade produto da razão e o realismo, que afirma ser a realidade produto das experiências humanas. Para a primeira, a realidade é uma projeção da razão e, por isso, funda-se na razão e nela se mantém. Por seu turno, do realismo, em suas consequências conceituais mais drásticas, decorre que a própria razão é produto do contato do homem com a realidade. Portanto, há nos rastros do realismo uma realidade soberana, uma essência que se chama real. Pêcheux, em suas elaborações teóricas, coloca-se entre essas posturas filosóficas, procurando superar suas armadilhas. Para ele, ambas as posturas filosóficas contém falhas e riscos. A idealista oferece o risco de um solipsismo fundamental que encerra o homem e o mundo no interior da razão. O realismo oferece o risco do essencialismo e, portanto, da imutabilidade da realidade.

O que a afirmação de Pêcheux (1990) faz pensar é que, ao tomar o discurso como modo fundamental de se dizer o mundo pela memória, pelo imaginário e pela constituição das instituições sociais é que há “algo” anterior ao discurso, mas esse “algo” não pode ser apreendido diretamente. Ao ser tocado pela linguagem, forçosamente ele se transmuta em discurso, pois é interpretado. É como se a linguagem fosse uma lente de contato inerente aos olhos e que não pode ser retirada, ela é assim e pronto. É seu modo de ser. É o modo de ser do homem. O ser humano, enquanto ser de linguagem, só pode ver o mundo enquanto ser de linguagem, com seus constitutivos: modos de produção da existência, imaginário e memória.

O real como uma suposição é outra noção importante presente no excerto dos escritos de Pêcheux destacado acima. Ele é suposição por não poder ser acessado diretamente. Acessado diretamente já é forçar a linguagem. A própria noção de acesso direto já aponta para um essencialismo. Dito de outro modo: a noção de essência gera a noção de possibilidade de acesso direto. No entanto, há algo sobre o qual a linguagem se debruça, algo que a afeta.

Todavia, ele é impossível porque no exato momento em que é dito, passa a fazer parte de uma discursividade, ficando assim constituído enquanto linguagem. Mas há algo, mesmo que suposto. Portanto, Pêcheux não nega o real. Ao contrário. Ele o afirma sob a condição de somente poder ser acessado pela linguagem. Esta, por sua vez, irá necessariamente operar a partir do terreno histórico em que se desenvolve, marcada pela ideologia e pela memória daquilo que já foi afirmado, o interdiscurso (Pêcheux, 1990).

A linguagem para a AD é considerada como discurso. O discurso, por seu turno, carrega, faz transitar sentidos. Linguagem, imaginário, história e inconsciente entram necessariamente na composição dos sentidos. Eles não são exatos por serem resultados de um processo que englobam esses elementos. Esse é um entendimento fundamental para a AD e que fornece subsídios teóricos para se pensar o mundo (ORLANDI, 2013).

O discurso é feito por e para sujeitos. Segundo o referencial teórico da AD, o sujeito distingue-se do indivíduo. Este é considerado como uma realidade psicológica e biológica. O sujeito, por sua vez, é a realidade psico-biológica significada. Ou seja, aquilo que é atribuído ao indivíduo, que é dito sobre ele faz com que ele se constitua em sujeito. Todavia, a que se ter em mente que essa significação é feita a partir da forma como uma sociedade se organiza, pelo interdiscurso e pela ideologia. Então, tem-se que o sujeito é o indivíduo significado a partir dessas condições. Pode-se pensar ainda que o sujeito é o sentido ou os sentidos atribuídos a um indivíduo (Orlandi, 2013).

Os sentidos não são exatos. O sujeito assim se faz pelas condições materiais de produção nas quais ele se inscreve, pelo interdiscurso e pela ideologia, que são formas de funcionamento da linguagem. Dessa maneira, história, política, sentidos, sujeito e linguagem são inseparáveis, estão intrinsecamente ligados. A historicidade é tomada como um elemento imprescindível para a constituição da linguagem e para a emersão do sujeito (Orlandi, 2012).

A compreensão do amor enquanto discurso em funcionamento implica que se considere também as condições de sua produção. Estão implicadas aí, nessa compreensão da discursividade, a linguagem em sua historicidade e equivocidade, os ordenamentos sociais e o influxo do imaginário. A análise do discurso de amor é a análise que permite mostrar o amor enquanto uma categoria filiada a uma situação social e histórica, permeada por aquilo que já foi dito – o interdiscurso – e lançado no espaço e no tempo pela presença inarredável do imaginário. Portanto, o que há são modos de significação do amor. Esses modos são diversos e estão relacionados a sentidos também diversos. O discurso de amor, primordialmente, faz

circular sentidos múltiplos, constituídos historicamente a partir dos modos de produção da existência e dos modos de funcionamento da linguagem. Portanto, eles sempre podem ser outros (Orlandi, 1990).

Ainda de acordo com Orlandi (1990), uma questão que merece ser trabalhada diz respeito às limitações de algumas concepções de linguagem que se dispõe a analisar o discurso de amor. Sendo um discurso que se caracteriza por suas contraditoriedades, mas, mesmo assim, ou talvez por ser assim, capaz de produzir sentidos dos mais variados, o discurso de amor esquivava-se e se mostra impermeável ou até mesmo dispensável a uma compreensão da linguagem como um instrumento, na relação pensamento e mundo, capaz de descortinar as coisas ou o real em sua singularidade, de dominá-lo e de domesticá-lo. Assim, a linguagem, nessa concepção denominada dialógica, seria capaz evidenciar as coisas tais como elas são. Evidência e transparência aqui são palavras-chave.

A linguagem para a AD é equívoca, sujeita a falhas e aos influxos da história, do imaginário e do inconsciente. Não há uma relação termo-a-termo entre pensamento, linguagem e mundo. Sendo assim, a linguagem não é capaz de dar conta de um real, como se ele estivesse lá fora e pudesse ser descortinado por suas investidas. O real do discurso de amor é o real próprio da linguagem, é aquele que é feito na relação entre história, os modos de produção próprios a essa história, que sempre se encontra e se organiza em um determinado tempo e espaço. Mas, não é só a história que se faz presente. O lugar que o sujeito ocupa em uma determinada configuração social também será determinante. Todavia, esse lugar é o lugar dado pelo imaginário, que, na Análise de Discurso, é denominada posição, a posição-sujeito (Brandão, 2012).

Com relação ao discurso de amor, a linguagem se mostra em sua natureza de incompletude, falha e equívoca. Nessa ótica, não há perspectiva para uma pretensa clareza, transparência e evidência de sentidos. O discurso de amor é contraditório. Como tal ele diz e não-diz, ele mostra e esconde, ele fixa e dispersa, ele é movimento e permanência. Então, a contradição do discurso de amor, indica que, enquanto discurso, o discurso de amor é e não é ao mesmo tempo. Sendo assim, essa concepção contraria um dos veios teóricos mais fundamentais do pensamento ocidental: o ser não pode ser e não ser ao mesmo tempo. No discurso de amor, o ser é e não é ao mesmo tempo. Assim, esse discurso revela a natureza de equivocidade da linguagem, suas falhas e contradições sempre presentes e inarredáveis porque são constitutivas (Brandão, 2012; Orlandi, 1990).

## Considerações finais

A partir dessas considerações, pode-se dizer, que o discurso sobre o amor em Platão, presente em sua obra *O banquete*, tomado na perspectiva da AD, consiste num discurso de amor. É um modo próprio daquele filósofo de atribuir significado ao significante amor que está sendo posto em pauta. Os significados por ele erigidos estão ligados à posição-sujeito que ele ocupou na cultura grega como filósofo, às condições de vida daquele povo, ao que já havia sido dito sobre o amor e que até ele chegou.

## Referências

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

LIMA VAZ, Henrique C. de. **Escritos de Filosofia VIII: Platônica**. São Paulo: Loyola, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. "Palavra de amor." **Caderno de Estudos da Linguagem**, Campinas (19), 75-95, jul/dez.1990.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. "A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico". In. Dias, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. **Série e-urbano**. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/Laboratório> de Estudos Urbanos - LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

PINHEIRO, Victor Sales. **Introdução**. In. Platão. *O banquete*. Belém: Editora UFPA, 2011.

PLATÃO. **O banquete**. Belém: Editora UFPA, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 1990.

REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão**. São Paulo: Loyola, 2004.